



Tomada de Posse da Bastonária e Órgãos Nacionais da Ordem dos Farmacêuticos | Triénio 2019-2021

14 de março de 2019

**Discurso da Bastonária
Prof.ª Doutora Ana Paula Martins**

[Vocativos]

Permitam-me que as primeiras palavras sejam de agradecimento a todos os farmacêuticos que participaram nas eleições do passado dia 9 de fevereiro, e que, dessa forma, nos elegeram para o próximo triénio à frente dos destinos da Ordem dos Farmacêuticos. Cerca de 30% dos farmacêuticos votaram nestas eleições. Sensivelmente o dobro dos farmacêuticos que tinham votado no ato eleitoral de há três anos. Foi bom. Mas não é suficiente. É preciso mais ambição na participação. É preciso que os farmacêuticos intervenham mais na sua Ordem, façam parte dos seus fóruns de debate, que em conjunto façamos um caminho que não é só de alguns e só para alguns. Nesta casa comum, em que todos habitamos, os interesses individuais jamais se sobreporão aos interesses coletivos.

Os poderes que são delegados nas Ordens profissionais exigem dirigentes comprometidos com o País, seriedade, rigor, sentido de missão e de serviço ao bem de todos. Na Ordem dos Farmacêuticos falamos mais de deveres do que de direitos, e consideramos que os privilégios têm de ser acompanhados de responsabilidades.

Cumprimento todos os que hoje nos deram a alegria de aqui estar connosco neste momento. Sejam todos muito bem-vindos, porque a vossa presença é para nós sinal de confiança na nossa ação e um incentivo a que façamos mais e melhor como farmacêuticos e como cidadãos.

Um especial cumprimento à Senhora Ministra da Saúde que hoje aqui testemunha o nosso compromisso de defender os interesses legítimos dos farmacêuticos, que continuarão sempre a convergir com o interesse público, o interesse dos portugueses.

Pode a senhora Ministra e o Governo de Portugal contar com os farmacêuticos, para continuar o caminho de progresso de que Portugal precisa e que os portugueses merecem. Pode contar com uma Ordem organizada, eficiente, comprometida, que conhece bem a sua missão na sociedade portuguesa e na Saúde em Portugal.

Na época de todos os perigos, de muitos desafios, de tantas opções, temos inúmeras oportunidades de progredir. De fazer melhor. Porque estamos hoje mais capacitados, mais qualificados, mais avançados tecnologicamente, temos a história para nos ensinar, fomos sempre capazes de aprender com o que fizemos bem e menos bem, diagnosticamos cada vez mais depressa os problemas e descobrimos cada vez mais rapidamente as soluções.

Transformar o mundo em que vivemos para melhor é uma inevitabilidade. Em tudo o que depende da Ciência, da Tecnologia, da Educação, da Cultura, da Arte, da Diplomacia. Temos tudo hoje para decidir da melhor forma. Para fazer as opções adequadas. Desenvolvemos durante décadas o exercício de construir uma democracia na diversidade e na pluralidade. Onde as ideias se debatem, as críticas alertam, os consensos unem. Onde não há ideologias dominantes e onde não se pode cultivar obsessivamente o politicamente correto, esquecendo por vezes que, podendo ser sinónimo de moderação, é também um convite ao silenciar de opiniões que têm de ter lugar numa sociedade organizada em torno de princípios e valores, que configuram o progresso, com sustentabilidade, da Humanidade.

Os farmacêuticos estão otimistas quanto ao futuro de Portugal. Porque conhecemos bem, muitos dos problemas do sector da saúde, e temos soluções estudadas em conjunto com os outros profissionais e parceiros e, sobretudo, em articulação com os cidadãos. Não é a primeira vez que enfrentamos desafios complexos e que até colocam em causa a nossa sobrevivência. Mas para cada problema há uma solução, e nós somos capazes de a encontrar e de a implementar. Se nos deixarem libertar o potencial que esta profissão tem, como as outras profissões da saúde têm, para melhorar a saúde em Portugal.

Nem sempre estamos de acordo com o Governo e com os agentes políticos. Mas numa base de confiança e compromisso, saberemos lutar e também aceitar, as decisões que, fundamentadas, garantam aos portugueses cobertura universal nos cuidados de saúde, acesso com equidade, e solidariedade no financiamento. Ou seja, Saúde para Todos.

Este é o tema do simpósio que assinalará o contributo dos farmacêuticos para pensar no futuro da saúde em Portugal, assinalado assim os 40 anos de existência do SNS.

Esta será uma organização dos farmacêuticos e dos cidadãos. Em diálogo, faremos o caminho que tem que ser feito. Juntaremos vontades, adaptaremos competências, encontraremos novas proximidades. Para os farmacêuticos, colocar o cidadão e a pessoa que vive com a doença no centro do sistema, é perceber o que podemos fazer para prestar melhores cuidados, aqueles que fazem de facto a diferença na vida de quem precisa e de quem cuida.

Temos de combater a pobreza e a desigualdade por todos os motivos óbvios, mas também porque estaremos, desta forma, a melhorar os indicadores de saúde e a aligeirar a pressão na área assistencial. E, por isso, a saúde tem também de ser encarada como um sector que gera riqueza, que qualifica, que nos torna mais competitivos, porque é uma das fileiras de valor com maior potencial de crescimento económico e em capital humano qualificado dos próximos 20 anos. Por isso também, a presença do Senhor Secretário de Estado da Economia reforça a nossa convicção de que a Saúde e a Economia têm de voltar a ter roteiros comuns.

É por isso que para nós, renovar o SNS é respeitar a sua identidade, os seus princípios, a sua história e a sua evolução. Não é um regresso ao passado. É olhar para o futuro, projetando-o com tudo o que aprendemos, e como podemos, de forma universal, garantir saúde a todos os portugueses. Clarificando o papel dos sectores público, privado e social. Regulando de forma eficiente. Adoptando modelos solidários de financiamento, mas recompensando o que efetivamente gera valor nos resultados e inova no processo.

Voltámos a ter portugueses que vão para a porta dos centros de saúde às quatro horas da madrugada para ter uma consulta. Porque, apesar de digitalizarmos e desmaterializarmos a saúde, esquecemos todos que as iliteracias são uma realidade nos nossos mais velhos. Porque achámos, durante anos, que o SNS aguentava tudo! E não aguenta. Porque, sem investimento e

planeamento, será vítima do seu sucesso, da capacidade que teve de transformar o País. E que hoje já não tem, se nada fizermos.

Com mais literacia, prevenção, menos desigualdade no acesso, mais qualidade na prestação de cuidados de saúde, mais humanização, mais proximidade, mais valorização dos recursos humanos seremos o sistema de saúde que sempre ambicionámos ser. Mantendo o que está bem. Melhorando o que está mal. Sem colocar a ideologia no lugar da evidência, mas afirmando politicamente princípios comuns de que não abdicamos como sociedade avançada. E sabemos que está mais do que na hora de regenerar o SNS e enfrentar o que é preciso fazer para garantir a sua viabilidade, com uma visão realista, adequada ao País que somos e ao futuro que temos de ser.

Quero por isso agradecer, em nome dos farmacêuticos, à Comissão liderada pela Ex-Ministra Maria de Belém, pelo trabalho independente, sério e sobretudo participado por toda a sociedade portuguesa, que foi feito a pedido do Governo de Portugal para uma proposta para revisão da Lei de Bases da Saúde. É assim que se colocam os portugueses no centro da decisão e a tomar conta dos seus destinos. E a Ordem dos Farmacêuticos não esquecerá este contributo que qualifica a nossa democracia.

Elegemos para o nosso programa de candidatura 10 compromissos:

- Desenvolver uma Ordem mais participada pelos farmacêuticos
- Vincular os mais jovens à profissão farmacêutica.
- Reforçar o Serviço Nacional de Saúde, e através dele o Sistema Nacional de Saúde.
- Dar mais voz aos cidadãos com doença
- Reforçar a Deontologia e a Ética como pilares da nossa afirmação profissional, o que faremos através da construção de um Código de Ética, numa Comissão liderada pela Dra. Clara Carneiro;
- Valorizar o Ato Farmacêutico, investindo na excelência da nossa qualificação científica e a na capacidade da nossa investigação se translacionar para o quotidiano dos portugueses.
- Prosseguir, com base na evidência, a educação e ação para o uso em segurança do medicamento e dos dispositivos médicos.
- Estimular a investigação farmacêutica e reforçar a ligação entre a Academia e a profissão.
- Fortalecer a cooperação com os países da lusofonia.
- Fortalecer a criação de valor da Indústria farmacêutica no cluster da Saúde.

São 10 compromissos que reforçam e renovam o nosso contrato social com os farmacêuticos, com os portugueses e com o País. E que nos remetem para problemas para os quais temos de encontrar soluções eficazes e em tempo útil.

Senhora Ministra,
Senhores Secretários de Estado,
Senhores Deputados,

Refiro-me à necessidade de redesenhar um Novo Acordo para a Rede de Farmácias em Portugal. Fica aqui o apelo urgente para um acordo que valorize o ato farmacêutico e o potencial de gerar saúde das farmácias comunitárias. Que remunere o serviço público que prestamos 24 horas por dia.

Estamos também frontalmente contra a existência de farmácias de venda ao público nos hospitais. Não se justifica, e é mais um fator que prejudica a sustentabilidade da rede que temos, com mais de 650 farmácias em sofrimento e em risco. As que servem populações que mais

ninguém quer servir. Mas se os agentes políticos, que agora voltam a insistir neste debate, ora porque dele se demitem, ora porque nele encontram razões que a razão desconhece, como se de repente esta fosse uma prioridade em saúde por razões que estão longe de ser transparentes quanto ao interesse público, preferimos que se encontre um modelo em que os serviços farmacêuticos hospitalares forneçam a medicação dos doentes da urgência, para as primeiras 12 horas e, desta forma, não precisaremos de ter farmácias na rede nacional em regime de turno e disponibilidade permanente.

O acesso ao medicamento tem-nos preocupado muito nos últimos tempos. Todos conhecemos as razões e já as tínhamos antecipado.

Faltam medicamentos que os médicos receitam aos portugueses. Por mais que se rodeie a questão, se escolham as palavras certas para equilibrar o discurso político, todos sabemos que este é um problema que não tínhamos há uns anos, mas que agora temos, e que, se nada fizermos, se intensificará.

Nem sempre, é certo, pelas melhores razões. No essencial, prendem-se com fatores externos (descontinuação de medicamentos, dificuldades de produção global) e internos (desvalorização do medicamento que temos à venda nas farmácias e que pelas exigências orçamentais fomos esquecendo que tem toda uma cadeia de valor, de qualidade, em termos de produção, distribuição e dispensa 24 horas por dia, em nada comparáveis a outros bens de consumo regular).

Desvalorizar o medicamento, quer pela via do acesso que induz procura desnecessária, quer por via dos preços inadequados, promove distorções enormes no sistema que, mesmo com uma regulação reforçada e eficaz, teremos dificuldade em travar.

No final do dia, o que temos são doentes em muitas farmácias deste País, como por exemplo em Ansião, no distrito de Leiria, onde a única farmácia não consegue ser abastecida com medicamentos essenciais. Nesta matéria, sabe o Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Saúde, a quem dedico a maior estima e amizade, a nossa posição.

Banalizámos a venda dos medicamentos em nome do cidadão. Estão por todo lado, até já em bombas de gasolina, misturados com tabaco e bebidas alcoólicas. Desvalorizámos os efeitos negativos da sua má utilização e não prevenimos os problemas de segurança que sabemos ser responsáveis por mortalidade evitável.

Mais regulação, mais clarificação entre todos os agentes do sector, realismo quanto à sustentabilidade destes medicamentos e da cadeia de valor. Precisamos de voltar a ter a Economia ligada ao cluster do medicamento.

E precisamos também que o Infarmed, o Instituto que sempre valorizámos, recupere uma trajetória de inovação e progresso, com estabilidade, valorizando o seu capital humano que precisa de condições para ser retido.

Um Infarmed com mais responsabilidades em áreas estratégicas, como os medicamentos veterinários e suplementos alimentares. Reforçado nas funções de monitorização do mercado e avaliação do impacto em saúde, do acesso a terapêuticas racionais e seguras, que com as terapias avançadas precisamos seguramente de ter. Um Infarmed que nos orgulha na Europa e no Mundo. Que pode estar na vanguarda da Rede Europeia de Investigação de Translação. Que valoriza e promove a Investigação Clínica. Com peritos altamente qualificados, de várias origens académicas. E num combate eficaz aos produtos que, sem evidência científica, reclamam efeitos

terapêuticos. Que hoje enganam milhares de portugueses, e pior, os desviam dos cuidados médicos de que precisam efetivamente.

Senhora Ministra,

Queremos mais uma vez afirmar o diálogo de confiança que estabelecemos com este Governo, através do Ministério da Saúde. Ao fim de 20 anos, foi este Governo que, através do Professor Adalberto Campos Fernandes, enquanto Ministro da Saúde, devolveu aos farmacêuticos hospitalares a dignidade que tinham perdido, através de uma carreira profissional dedicada no SNS. Mas mais do que a dignidade, devolveu-nos a responsabilidade de formar os mais jovens e ajudar a organizar os serviços farmacêuticos que precisamos de ter no SNS do século XXI.

E a Senhora Ministra da Saúde, desde a primeira hora, honrou todos os compromissos assumidos. Com lealdade, definiu claramente o enquadramento em que iríamos trabalhar. Não nos deu falsas expectativas, nem concordou com todas as nossas propostas.

Sabe a Senhora Ministra que consideramos fundamental dar saúde... à saúde! Sabe da nossa preocupação com a internalização das análises clínicas, que conduzirá à destruição de um sector que funciona bem em convenção há muitos anos, para as confinar no SNS que se depara com inúmeros problemas de acesso, de qualidade e de operacionalidade.

Sabe a Senhora Ministra a dificuldade que temos em manter as farmácias hospitalares a cumprir os serviços fundamentais, com a enorme falta de capital humano que se regista. Com as 35 horas, aumentámos a urgência para a contratação de recursos humanos e, apesar das intenções do Ministério serem as melhores, não vemos os problemas a solucionarem-se na prática. São adiados. Mas não desaparecem.

Sabe também a Senhora Ministra que a Carreira Farmacêutica e a sua formação especializada, que está em fase final de negociação com Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, foi conseguida através da vontade política, determinação nas propostas, e sacrifícios no consenso e sempre, sublinho, sem custos orçamentais. E cabe aqui recordar, para que nunca o esqueçamos, a seriedade, humildade, firmeza e persistência do presidente do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, Dr. Henrique Reguengo da Luz, e da sua Direção, que de forma sensata colocou sempre os doentes em primeiro lugar, os deveres à frente dos direitos.

Distintos convidados,

Caros Colegas e estimados amigos,

Permitam-me uma palavra final para os farmacêuticos mais jovens, que são hoje já metade da nossa profissão. São a geração mais qualificada que alguma vez tivemos. Empreendedores, ambiciosos, globais, adaptativos. Temos nos nossos jovens a garantia da continuidade da profissão. Vemos em vós o futuro que queremos ser. Um futuro cheio de desafios, de exigências, de responsabilidades. Esta é a vossa família profissional. Muitos de vós trabalham cá, outros por esse mundo fora.

Levam um pouco de nós, e trazem um pouco daquilo em que se transformam quando voltam. É assim que se faz também o progresso, entre partidas e regressos.

Ao longo de mais de 50 anos, gerações de portugueses trabalharam para que a educação fosse acessível a todos e valeu a pena o esforço, o investimento, a luta por uma sociedade mais justa

e por um país mais avançado. Agora é também convosco, jovens farmacêuticos, invistam no vosso País, ajudem a transformar a nossa economia, a aperfeiçoar a nossa democracia, a cuidar dos mais velhos, a garantir também o futuro dos vossos filhos.

Caros Colegas e Distintos Convidados,
Estimados amigos,

Este é o meu segundo e último mandato à frente dos destinos da Ordem dos Farmacêuticos. Tenho hoje mais experiência, energia redobrada, confiança na equipa que elegemos para a Direção Nacional da Ordem e em todos os seus dirigentes, de Norte a Sul do País e Regiões Autónomas, Colégios e Conselhos, colaboradores. Somos juntos, uma Ordem unida. Quero distinguir, não numa despedida, mas num reconhecimento dos colegas de Direção Nacional, João Norte, que foi o seu Vice-Presidente, e o João Almeida, Tesoureiro, que, por sua iniciativa, deram lugar à necessária renovação, tão essencial ao futuro de qualquer instituição. Continuarão nas nossas fileiras porque sabem que não importa o lugar onde se serve a profissão. Interessa o que por ela se faz.

Hoje conheço bem o País Farmacêutico e tenho a certeza do que somos capazes. Tenho sobretudo a certeza de que não desistiremos de caminhar ao lado dos portugueses, do entendimento com todas as forças políticas, no trabalho com todas as profissões de saúde. Conheço a minha profissão e sei que Portugal é o seu destino.

Farei este último mandato fundamentado no rigor, na confiança, na proximidade e na transparência, na firmeza do que defendemos, afirmando o contributo que não vamos desistir de dar. Um último mandato assente na razão, nos afetos e na proximidade, mas nunca esquecendo que liderar é tomar decisões e concretizar, não hesitando em fazer o que tiver que ser feito para que a Ordem seja a casa de todos os farmacêuticos, que se quer renovada, com novas ideias e novos protagonistas. E aprendi com a força dos mais jovens e a coragem e determinação dos mais velhos, alguns que já partiram, que cumprir o Estatuto da Ordem dos Farmacêuticos é servir Portugal. Servir Portugal será, pois, a nossa viagem nos próximos três anos. O destino está traçado e não nos desviaremos um milímetro.

Pelos Portugueses e por Portugal, podem contar com os farmacêuticos.

Muito obrigada.

Lisboa, 14 de março de 2019

Ana Paula Martins